

REGRESSO FRUSTADO

D E

JOSÉ MANUEL FERREZ DA ROSA

(Pega dramática em 3 actos, Representada pela primeira vez em 1975)

PERSONAGENS

FRANCISCO	-	Pai
CRISTINA	-	Mãe
JOAQUIM	-	Filho mais velho
ANTÓNIO	-	Filho mais novo
ROSA	-	Namorada do Joaquim
PADRE CAMILO		
JOÃO MANUEL	-	Amigo do Joaquim

CENÁRIO

Casa de pequeno agricultor com ambiente de lar feliz.

(Enquanto Cristina costura o marido depois de regressar do trabalho e após o jantar dá uma vista de olhos pelo jornal e a certa altura diz):

FRANCISCO - Olha para esta notícia Cristina, até faz doer o coração!

CRISTINA - Então ? Mais alguma desgraça ?

FRANCISCO - Ora escuta: Lourenço Marques, 3 de Março de 1969: Numa emboscada perto de Nacala perderam a vida cinco soldados portugueses, ao que parece, estes briosos rapazes devem ter-se perdido no mato, numa missão de patrulhamento, levada a cabo pelas nossas forças!

CRISTINA - Ai Francisco ainda bem que o nosso Joaquim já está quase livre da tropa, eu parece-me que não suportava a ida dele para tão longe, e ainda mais para a guerra!

FRANCISCO - Pois é mulher tu não suportavas... mas não te esqueças que não és só tu que és mãe...! Podas lá avaliar a dor que a esta hora vai no coração das mães destes pobres inocentes!

CRISTINA - Ainda agora disseste que essa notícia até faz doer o coração não é verdade? Então e se algum fosse nosso filho ?

FRANCISCO - Ó mulher acabemos mas é com esta conversa vamos lá a falar de coisas mais alegres: é verdade já me esquecia de te dizer, estive a falar com o Sr. Prior, e ele disse-me que vem cá hoje passar o serão com a gente!

CRISTINA - Ai este homem! Diz sempre as coisas atrasadas... Então não sabes que quando vem alguém de cerimónia a nossa casa temos que ter as coisas mais bem arranjadas ?

FRANCISCO - Ah Cristina... Cristina...! Eu tenho confiança em ti! Nunca me deixaste ficar mal!

CRISTINA - (virando-se para o público) Isto é que eu tenho aqui um homem... Sempre a lisongear-me ! (Neste momento bate a porta) - Quem é ?

PADRE CAMILO - (de fora) - Padre Camilo, um seu criado!

CRISTINA - (indo buscar uma toalha para pôr na mesa) Um momento Sr. Padre, que já vou abrir! (ao abrir diz Cristina) Seja bem vindo Sr. Padre Camilo a esta sua casa! Faça favor de entrar!

P. CAMILO - (ao entrar) Então, com licença Sr. D. Cristina como está passou bem ? O Sr. Francisco ?

FRANCISCO - (levanta-se e vai ao encontro do Padre Camilo) - Como está passou bem ? (cusprimentas-se)

P. CAMILO - Então Sr. Francisco como vamos de notícias ?

- FRANCISCO - Ah! Sr. Padre o mundo está cada vez pior, ainda agora estávamos, eu e aqui a minha Cristina a ler uma notícia de Moçambique que diz que morreram cinco soldados portugueses!
- P. CAMILO - (ao sentar-se) - Então, com licença. Realmente Sr. Francisco o Mundo não anda a seguir os caminhos de Deus! Os chefes das grandes nações só se preocupam em fomentar a desordem: o meu amigo já reparou que os milhões que se gastam em armas de guerras se fossem desviados para a construção de tractores agrícolas e para o auxílio às Nações subdesenvolvidas, o mundo em que vivemos podia ser um paraíso?
- FRANCISCO - Mas, Sr. Padre, então e nós devemos de deixar roubar aquilo que é nosso?
- P. CAMILO - O meu amigo sabe porque foi que eu estive aqueles anos todos preso?
- FRANCISCO - O Sr. Padre Camilo nunca me disse!
- P. CAMILO - Então e apesar de nunca o ter dito para ninguém digo agora aqui para vobenceôs... Mesmo a minha consciênciã não anda tranquila enquanto não desabafar! Para, meus caros amigos, aqueles longos anos de cativeiro devem-se única e simplesmente a eu ter um dia dito no sermão que era um crime nós andarmos a matar os nossos irmãos Africanos, só porque eles apenas queriam o que lhes pertence!
- CRISTINA - (entrando na conversa) - Mas então, Sr. Padre, dizem que aquilo é nosso há mais de 500 anos!
- P. CAMILO - Tretas... Levante as mãos para Deus, Sra. Cristina, por o Joaquim não ter ido também para aquela maldita guerra!
- FRANCISCO - Então, Sr. Padre, lembre-se que ainda faltam dois meses para o moço sair da tropa e já se tem visto muita coisa!
- P. CAMILO - Isso sim, Sr. Francisco, o Joaquim a esse respeito tem mais fé que o senhor...! Calcule que já me disse que assim que sair da tropa quer casar!
- CRISTINA - Ele também já falou nisto connosco... e estamos até a fazer conta de ir domingo que vem falar com os pais da cachopa para acertarmos a data do casamento!
- P. CAMILO - Não há dúvida que vobenceôs podem orgulhar-se do vosso Joaquim! Pessoalmente acho que ele não podia ter escolhido melhor...! A Rosa é uma jóia de rapariga! Muito sensata... Podem crer que está ali uma excelente dona de casa!
- FRANCISCO - Já a esse respeito o meu Joaquim sai ao pai!
- P. CAMILO - Sim...Sim... Deus queira que ele tenha tanta sorte como o pai!
- CRISTINA - Pela parte que me toca, obrigado pelo elogio!
- P. CAMILO - Então, o Joaquim onde está?

FRANCISCO - Onde quer o senhor que ele esteja ?! Está em casa da Rosa, coitado, amanhã tem que se ir embora... Ele já anda desejoso que acabe aquela vida!

P. CAMILO - Deixe lá, Sr. Francisco... já faltou mais... e se Deus quiser qualquer dia cá o temos! (neste momento batem à porta)

CRISTINA - Quem é?

JOAQUIM - (de fora) Sou eu, mãe.

CRISTINA - (indo abrir) É o nosso Joaquim!

JOAQUIM - (entrando) Boa noite (e em tom mais vivo) Olha quem cá está hoje! O Sr. Padre Camilo como está, passou bem ?

P. CAMILO - Meu filho, que Deus te abençoe! Então a Rosinha ?

JOAQUIM - Oh, Sr. Prior está cada vez mais bonita!

P. CAMILO - Bom... bom... Deus queira que tu a vejas sempre bonita!

JOAQUIM - Obrigado, Sr. Padre!

P. CAMILO - Então, Joaquim, tens visto o teu irmão? Como está ele ?

JOAQUIM - Oh, Sr. Prior, o meu irmão está feito um homem! Só é pena ter aquele feitio! Não gosta de acamaradar comigo... Como eu gostava que ele fosse meu amigo como eu sou dele! Vossa Reverência pode não acreditar mas já tenho chorado muitas vezes sózinho, por causa dele... Tenho pena de estarmos os dois em Lisboa e só nos vermos de tarde em tarde!

P. CAMILO - (passando-lhe as mãos pelos ombros)- Deixa lá, meu filho, ninguém tem culpa de ter o feitio que tem... O teu irmão não faz isso por mal... Ele no fundo é bom rapaz; não vês que tem só 17 anos?! É uma criança! Reza por ele, Joaquim, pode ser que um dia o António te prove que é melhor do que tu pensas!

JOAQUIM - Oh! Sr. Padre, era bom que isso acontecesse. Mas... Confesso que tenho medo. Um rapaz tão novo sózinho em Lisboa!... Ainda se eu ficasse lá quando casar, mas... O pai da Rosinha está velho e quer que eu fique cá a tratar das fazendas e eu confesso que também gosto mais da vida cá da província do que de Lisboa!

FRANCISCO - (interrompe) - Está o Sr. Padre a ver como as ideias são diferentes?! O Joaquim quer a província, o António prefere a cidade!

CRISTINA - Sabe uma coisa, Sr. Prior ? Eu até acho que assim está muito bem!

P. CAMILO - Então, diga-me cá porque é que assim pensa ?

CRISTINA - Ora essa! Então não se está mesmo a ver, porque é? Quando a gente for velhos e nos enfadarmos de estar aqui na parvalheira, vamos até à Capital!

P. CAMILO - (rindo) Lá está já a Sra. Cristina com as suas... Sabe-se lá onde é que nós vamos acabar! O futuro a Deus pertence! Bem tenho que ir andando, amanhã tenho que me levantar cedo que a missa é antes das matinas!

CRISTINA E FRANCISCO - (ao mesmo tempo) Deixo-se estar mais um bocadinho, ainda é cedo.

P. CAMILO - Já que tanto insistem...

JOAQUIM - Bom, como eu tenho que ir no comboio da madrugada, peço muita desculpa, mas tenho que ir para a cama. Então um resto de serão agradável e boa noite para todos. (despedem-se)

FRANCISCO - É verdade, Sr. Padre Camilo, há alguns dias que ando à espera desta oportunidade e já me estava a esquecer: E que tal se nós aproveitássemos esta ocasião para o senhor provar a pinga que tenho ali? Apeto que o Sr. Padre ainda este ano não provou igual!

P. CAMILO - Não se incomode, Sr. Francisco, fica para outra vez.

CRISTINA - O Sr. Padre não nos vai fazer essa desfeita, é só um momento que eu vou à adega buscar! Com licença...

P. CAMILO - Ah! Sr. Francisco, não sei como pagar-lhe tanta amabilidade!

FRANCISCO - O Sr. Padre não sabe o velho ditado popular que diz amor com amor se paga? O Sr. Padre Camilo sabe que se não fosse o seu pai que "Deus o tenha em descanso" nós hoje não tínhamos o prazer de ir beber uma pinga de se lhe tirar o chapéu?

CRISTINA - (entrando com um jarro de vinho) Pronto! Cá está ele! Agora só faltam os copos. Eu trago já. (enchendo os copos) Vá, Sr. Padre Camilo, não faça cerimónia!

P. CAMILO - (bebe e depois de saborear exclama) Não há dúvida, Sr. Francisco, é mesmo divinhal!

FRANCISCO - E queria aquele malandro, roubar-me a terra! (bebe um copo) Felizmente que o seu pai era um homem honrado... A ele deve aquela vinha, que é hoje a que melhor vinho dá cá na aldeia!

P. CAMILO - Sr. Francisco, o meu pai não fez senão o seu dever! Como advogado nunca tive conhecimento que alguém se queixasse dele!

FRANCISCO - O seu pai! Que pena ter falecido tão novo! Tinha só mais três anos do que eu, quando entrei para a escola andava ele na 4ª classe ainda me lembro bem... um dia, andava eu há poucos dias na escola houve um diabo que me deu uma sova e mais me daria ainda se o seu pai não me protegesse! Parece que o estou eu a ouvir - "se tocas mais no Chico, parto-te a cara, não vês que é mais pequeno do que tu?" - Já na escola, o seu pai, mostrava ser um bom defensor!

CRISTINA - Então, Sr. Padre, beba... Quando esse se acabar vou buscar mais!

FRANCISCO - Vá, Sr. Padre, um copo só não é nada!

P. CAMILO - Já que assim querem vai mais um copo (bebem)

FRANCISCO - Pois, Sr. Padre Camilo, não sei se V. Reverência sabe a história daquela terra onde eu plantei a vinha.

P. CAMILO - O amigo sabe que quando eu fiz exame da 4ª classe, tinha onze anos. Fui para o Seminário, abandonei a aldeia, portanto o que então se passou pouco ou nada sei.

FRANCISCO - Então, Sr. Padre, quando eu era solteiro e vivia em casa dos meus pais, a minha vida, como o Sr. Padre sabe, era a agricultura; depois casei; naquele tempo não era como agora, havia poucas terras que não estivessem cultivadas, tínhamos que andar a palir terras cheias de mato e aí fazíamos as nossas searas!

P. CAMILO - Como os tempos mudaram, Sr. Francisco!

FRANCISCO - A quem o Sr. Padre Camilo o diz! O que eu e a minha Cristina passámos naquele tempo!

CRISTINA - Talvez por isso eu agora não presto para nada!

FRANCISCO - Pois, como eu já dizia, naquele tempo a nossa vida era desbravar terras, até que um dia... Eu pensei que aquilo assim não tinha jeito, andar toda a vida a arrancar mato e nunca ter um bocão de terra minha! Foi então que um belo dia fui ter com o Sr. Barão e pedi-lhe que me vendesse aquela encosta que naquele tempo era só mato; ele começou-se a rir e perguntou-me para que é que eu queria a terra, pois dizia ele que aquilo era só bom para mato e eu respondi-lhe: "o Sr. fala assim porque tem muitas e boas, mas se ela estivesse nas minhas mãos!" Então o homem disse-me por estas palavras: "Francisco eu não te vendo a terra, dou-ta, mas se ao fim de dez anos não houver lá nada que se veja a terra fica para mim outra vez! Para minha infelicidade, o Sr. Barão ao fim de oito anos morreu, nessa altura já aquela terra que ele disse que só dava mato, estava transformada na melhor vinha cá da aldeia! Mas o pior veio depois. O filho, depois da morte do pai, queria a vinha para ele, dizendo que o pai apenas me tinha emprestado a terra... O que me valeu, foi o seu pai como já lhe contei. É por isso que o Sr. Padre Camilo em minha casa é tratado como uma pessoa de família!

P. CAMILO - Ah! Sr. Francisco! O senhor era capaz de fazer o mesmo por nós, de resto já tem dado provas da sua generosidade.

CRISTINA - Não é por ser meu homem, mas aí onde o Sr. Padre o vê é capaz de dar a camisa.

P. CAMILO - A quem a Sra. D. Cristina o diz! Eu conheço bem o Sr. Francisco! Se fossem todos como ele... Bem, acho que já estou a abusar um pouco da vossa hospitalidade. Vou andando, que isto hoje já é um pouco mais tarde do que o costume!

CRISTINA E FRANCISCO - (olhando para o relógio) - Ainda só são onze horas, Sr. Prior!

FRANCISCO - As noites agora dão para tudo, mas uma vez que o Sr. Padre está com essa vontade...

P. CAMILO - Então desculpem a maçada, muito obrigado por tudo e muito boa noite!

FRANCISCO E CRISTINA - Boa noite Sr. Padre Camilo e, obrigado pela visita. (Ficam Francisco e Cristina em cena)

FRANCISCO - Que homem extraordinário, este Padre Camilo!

CRISTINA - Já aprendi mais esta noite do que em toda a minha vida. Realmente se os Portugueses estão no Ultramar há cerca de 500 anos, é porque antes de nós lá estavam já lá estiveram outros!

FRANCISCO - De facto, é verdade. Se a Bíblia diz que Jesus Cristo veio ao mundo há 1969 anos, e se só lá estamos há quinhentos, não há dúvida que aquilo é tanto nosso como Portugal era dos espanhóis quando estes cá estiveram a governar!

CRISTINA - Ai, Francisco, tenho tanto medo... Enquanto o Joaquim não sair da tropa não ando descansada.

FRANCISCO - Lá estás tu a agoirar, mulher! Vai mas é pensando no casamento do moço já este ano, e para o ano se Deus quiser é capaz de para ní haver alguma baptizado.

CRISTINA - Ai, homem, Deus queira que assim seja!

FRANCISCO - Então, não há-de ser? dá-me aí o tabaco, faz favor, que hei-de fumar um cigarro antes de ir para a cama!

II ACTO

(CRISTINA, passando a ferro, conversa com António que, entretanto chegou de férias)

CRISTINA - É preciso não te esqueceres que tens que obedecer ao teu irmão. Não vês que ele é mais velho do que tu?

ANTÓNIO - (com arrogância) Mas afinal eu sou alguma criança? Já sei que ele veio para cá com as queixinhas do costume. Parece que o estou eu a ouvir... "O António é um vadio; o António só faz sociedade com quem ele entende; o António é este o António é aquele". Ah, mas isto tem que mudar! É tempo de ele se convencer que para me dar conselhos, basta o meu pai e a minha mãe! Tenho 17 anos, e com esta idade acho que já sei bem o que quero e para onde vou!

CRISTINA - Não sejas assim filho! O teu pai é o teu melhor amigo! Ele só quer o teu bem!

ANTÓNIO - Não digo que não, porque eu também sou amigo dele o que embirro á com aqueles conselhos paternais... Ele afinal não é mais homem do que eu!
(Neste momento o carteiro trás uma carta, António vai recebe-la e apressado dirigi-se para a mãe dizendo) É uma carta do Joaquim! É uma carta do Joaquim mãe!

CRISTINA - (Não se sentindo com coragem para a ler) Abre-a e lê-a meu filho...
(Enquanto António lê a carta emocionado a Mãe vai limpando as lágrimas)
Lisboa, 25 de Abril de 1969

Queridos pais desejo sinceramente que esta minha carta os encontre de óptima saúde que eu fico bem graças a Deus. Queridos pais no momento em que estou escrevendo esta carta tenho o coração completamente despedaçado, sinto-me um homem vencido pela descrença não tenho forças para mandar dizer á minha querida e adorada Rosinha a mágoa que vai na minha alma, sei que os pais também vão ficar completamente estupefactos mas já sabem compreender melhor a vida do que aquela inocente criança por isso peço á minha mãe que vá a casa da Rosa e lhe diga que não tive coragem de lhe mandar dizer tão cruel notícia. Peço também á mãe que se acalme, bem sei que o seu coração é fraco e não suporta as emoções muito fortes mas acima dos interesses particulares estão os interesses da Pátria e a ninguém custa mais esta situação do que a mim: mais ou menos dentro de oito dias aí chegarei para convosco passar uns dias antes da minha abalada para Moçambique. Sem outro assunto, cumprimentos e saudações para todos, do vosso filho Joaquim. (Finda a leitura Cristina cai na cadeira meio desfalecida e António corre ao jarro e tira um copo de água para dar á mãe).

ANTÓNIO - Mãe! Mãe!

(Cristina a custo bebe, e há um pequeno silêncio)

ANTÓNIO - Já se sente melhor mãe!

CRISTINA - (A custo) Já passou filho, mas... tu também choras-te tens os olhos vermelhos!

ANTÓNIO - (Carinhoso) Ó Mãe qual é o filho que vê chorar uma mãe e não chora também?

FRANCISCO - (Entrando vindo do trabalho) Boa tarde!...

CRISTINA E ANTÓNIO - (Secamente) Boa tarde...

(Pequeno silêncio)

FRANCISCO - O que é que aconteceu? Vocês parece que estão com cara de caso!

CRISTINA - (Triste) Lê essa carta que chegou do nosso Joaquim...

FRANCISCO - (Depois de ler carta e com os olhos rasos de lágrimas, profundamente irritado) Os interesses da Pátria... os interesses da Pátria... Qual Pá-

tria qual carapuça?! Como o meu pobre filho anda enganado! Mas afinal quem beneficia com aquela guerra estúpida? À! que se eu pudesse falar! Muito me tem ensinado o Padre Camilo!

ANTÓNIO - Então Pai? Coragem! Não foi o pai que me ensinou que um homem nunca chorava?

FRANCISCO - Tens razão meu filho... um homem tem que dominar-se!

CRISTINA - Já me sinto mais reanimada, vamos lá a vêr se consigo ir agora a casa da Rosa...

FRANCISCO - Vai com a tua mãe António que eu não fico muito tranquilo deixando-a ir sózinha!

ANTÓNIO - Vou sim meu pai!

FRANCISCO - (Sentando-se na cadeira) Ó cruel sorte! sinto que a partir de hoje a minha casa se transformará num verdadeiro inferno! Como vai a minha pobre mulher com o coração tão fraco suportar tamanha dor? Receio bem pela sua vida! E se me falta a minha companheira? Como posso eu viver sózinho habituado como estou aos seus afagos e aos seus carinhos?
(Neste momento batem à porta)

FRANCISCO - Quem é?

P. CAMILO - (De fora) Faz favor, sou eu o Padre Camilo!

FRANCISCO - Vou já Senhor Prior!
(Vai abrir)

P. CAMILO - Ó querido amigo sinto muito! encontrei a sua senhora mais o António e já me contaram o que se passou!

FRANCISCO - Ó Sr. Padre Camilo depois do tempo de trepa quase passado uma coisa destas! Quem havia de dizer!? E a gente com planos com a data do casamento marcada... Se o Sr. pudesse fazer alguma coisa!...

P. CAMILO - Vamos tentar meu filho, vamos tentar mas... Não prometo nada. No meio disto tudo, Sr. Francisco, a Rosinha ainda deve ser quem mais sofre!

FRANCISCO - Não pode sofrer mais que os pais dele não lhe parece Sr. Prior?

P. CAMILO - Respeito muito a sua opinião meu bom amigo mas quando dois jovens se amam verdadeiramente, não deve haver amor mais forte, e olhe que estavam quase a ser marido e mulher!

FRANCISCO - Meu pobre filho! o que mais me custa Sr. Padre é o moço já ter a idade formada de que ia casar dentro em pouco, e isto para ele e para a Rosa vai ser doloroso!

P. CAMILO - (Contemporizador) Não desespere Sr. Francisco... Enquanto há vida há esperança, não podemos é perder tempo com lamentações!

FRANCISCO - E o que é que um homem como eu pode fazer senão lamentar-se? Ainda se mo

levassem assim que ele acabou a recruta...

P. CAMILO - Então com licença Sr. Francisco, eu vou andando vou já ver se consigo fazer alguma coisa pelo rapaz, mas... Entretanto vá repando, olhe que Deus ainda é a força maior e o que ele não fizer não faz ninguém! Até logo, até logo!

FRANCISCO - Adeus e obrigado Sr. Prior!

(Pequena pausa)

FRANCISCO - Ai, ai! Ainda agora é princípio e já estou completamente arrazado, não consigo habituar-me à ideia de que o meu filho dentro de pouco tempo vai para a guerra! P'ra guerra... Mas p'ra guerra defender quem? Infelizmente nem posso gritar bem alto aquilo que sinto! Como eu gostava que isto não passasse dum sonho! (Pega na carta e irritado diz) Maldita carta! (Amacha-a, depois acusa-se) Eu no fundo também sou um pouco culpada do que se esta agora a passar... Quando ele tinha quinze anos e me pediu para o deixar ir com o pai para o Brasil se eu o deixasse ir, talvez agora estivesse bem colocado e livre daquela maldita vida, mas eu nunca me habituei à ideia de estar sem o ver uma data de anos, e depois como a mãe padecer do coração achei que se o deixasse partir a minha Cristina não seria viva muito tempo!

(Entra Cristina e António)

CRISTINA - (Enfadada) Então hamea outra vez com a carta na mão!

FRANCISCO - X Cristina, Cristina, como eu gostava que isto fosse um pesadelo!

ANTÓNIO - Então pai!? Parece que morreu alguém! Querem ver que é ele o primeiro a ir para Moçambique? O pai e a mãe têm que se habituar a encarar as coisas como elas são: Querem ver que são os estrangeiros que têm que ir defender aquilo que é nosso?

FRANCISCO - (furioso) Cala-te! Não digas asneiras! Defender aquilo que é nosso... Defender aquilo que é nosso! Estou farto de ouvir essa lenga, lenga! Onde estão os interesses dos pobres nessa terra que é nossa? Sabes onde estão meu filho? Lê aqui o jornal. (António lê) A três de Março morreram cinco soldados Portugueses!

FRANCISCO - Isso é o que eles dizem com o que fica por dizer em vez de cinco são capaz de ser cinquenta! E isto passa-se todos os dias... Ou pensas tu que o teu irmão vai para alguma festa? Não me digas que tens ciúmes António! O que nós sentimos pelo teu irmão é o mesmo que sentiríamos por ti!

ANTÓNIO - Peço perdão! Mas... o pai sempre disse que aquilo era nosso!

FRANCISCO - Pois disse meu filho mas há uns tempos para cá mudei de opinião: eu depois de ensinar o porquê da injustiça daquela guerra, por agora quero que me digam como ficou a Rosa.

CRISTINA - Como querias tu que ela ficasse Francisco? A princípio não queria acredi

tar mas depois viu que eu tinha os olhos chorosos largou-se também a chorar! Coitada, ela gosta muito do nosso Joaquim!

FRANCISCO - E ele gosta muito dela!

ANTÓNIO - Não! Não há-de gostar! A cachopa mais bonita cá da terra! E ainda por cima não é rica mas para lá caminha!

FRANCISCO - Ó António o que é que tu tens contra o teu irmão? Não penses dessa maneira filho! Olha que eles namoram-se desde a escola e nessa altura a Rosa era bem pobrezinha! Nem uma casa tinha para viver!

ANTÓNIO - Mãe, ó pai estou a ver que tenho que estar sempre calado, eu não disse isto por mal!

CRISTINA - Realmente Francisco ele agora não disse nada de mal!

FRANCISCO - Ai esta cabeça não anda boa! Sabes o que te digo António? O momento não é para discussões, vamo-nos desculpar um ao outro sim? (Abraçam-se)

(Fim do segundo acto)

III ACTO

(Francisco conversa com António que está com as malas preparadas para partir para o Brasil) (Amêos com luto)

FRANCISCO - Custa-me muito meu filho, deixar-te partir, mas acho que é melhor eu estar sem te ver alguns anos do que deixar-te ir também para a guerra e perder-te para sempre!

ANTÓNIO - Ó pai a mim também me custa deixá-lo sózinho! Vou sentir muitas saudades!

FRANCISCO - Vai meu filho, vai que eu não quero que te aconteça o mesmo que sucedeu ao teu irmão! Nunca o deixei abalar porque tinha medo que a tua mãe não suportasse a sua ausência, afinal acabamos por perder... tu, a tua mãe e o teu irmão e eu a minha mulher e o meu filho!

ANTÓNIO - Ó meu pai não se martirize! Como eu gostava que o pai fizesse por esquecer a nossa infelicidade!

FRANCISCO - Sim, meu filho eu vou tentar esquecer...

ANTÓNIO - O pai promete? Posso ir-me embora descansado?

FRANCISCO - Prometo sim António, podes ir descansado!

(Neste momento batem á porta)

FRANCISCO - Quem é?

P. CAMILO - (de fora) Sou eu o Padre Camilo!

FRANCISCO - Entre Sr. Prior se faz favor!

P. CAMILO - (Entrando) Com licença, então o rapaz? Já está pronto?

FRANCISCO - Já sim Sr. Padre Camilo!

P. CAMILO - Temos que ir andando António que já não falta muito para o comboio!
(Então meio a chorar abraça-se ao pai este por sua vez tenta suster as lágrimas)

ANTÓNIO - Adeus pai!

FRANCISCO - Adeus filho, Deus queira que tenhas mais sorte que o teu irmão! (Quando António vai a sair) António! Passa por casa da Rosa e despede-te dela!

ANTÓNIO - Assim farei meu pai! Adeus!
(Depois de ambos terem saído Francisco deixa-se cair na cadeira e desclama de exultância)

FRANCISCO - Ó meu Deus, ainda há um ano esta casa respirava felicidade por todos os lados e hoje é esta tristezinha assim! O que faço eu agora sózinho? Bem sei que haverá quem me censure por eu já ver só aquele filho e deixá-lo ir embora, mas cá na minha consciência acho que fiz o meu dever de pai... Assim eu tivesse procedido com o meu pobre Joaquim! Que Deus me perdoe! Diz o meu António para eu tentar esquecer, mas como é que eu posso esquecer metido aqui sózinho entre estas quatro paredes? Não há dúvida que estou envolvido num grande dilema: de dia ainda me vou distraíndo com o trabalho mas quando chega a noite?

(Neste momento batem à porta)

FRANCISCO - Quem é?

ROSA - (De fora) Sou eu ti Francisco! Dá licença?

FRANCISCO - Ah! És tu Rosa? Entra esta casa é tua!

ROSA - Boa noite ti Francisco... trago-lha aqui um cântaro com água, lembrei-me que vocemecê precisasse!

FRANCISCO - Ó Rosa! Como tu és bondosa! Que a graça de Deus te abençoe, e a maldição caia sobre os culpados desta nossa situação! Mas... senta-te! (Depois de Rosa se sentar) tu gostavas muito do Joaquim!?

ROSA - Mais do quê da minha própria vida! quando ele entrava em minha casa era como se um sol esplendoroso enchece a casa toda!

FRANCISCO - Pobre Rosinha... Por causa de meia dúzia de Bandidos sofremos nós todos!

ROSA - Tudo o que eu sonhei na vida se desfez num instante! Como pode a vida ser tão bela para uns e tão cruel para outros! Desde que o Joaquim morreu a minha vida é chorar!

FRANCISCO - Deixa lá Rosa, tu ainda és nova, ainda estás a tempo de refazer a tua felicidade! Agora eu... Eu já sei que a minha cruz será cada vês mais pesada!

ROSA - Está enganado ti Francisco! A felicidade para mim morreu quando o Joaquim

deixou de existir para a vida!

FRANCISCO - À Rosa, ainda és uma criança, quando tiveres mais idade decerto pensarás doutra maneira! E de resto tens todo o direito a ser filez!

ROSA - Então o António, lá abalou para o Brasil...!

FRANCISCO - (Triste) Sabe Deus com que mágoa eu o vi partir!

ROSA - Deixe lá ti Francisco...

FRANCISCO - Tu não podes avaliar o que é um homem da minha idade ter tantos desgostos em tão pouco tempo!

ROSA - Qualquer dia acaba a guerra e já o António pode vir para o pé de si... O Joaquim é que nunca mais volta!

FRANCISCO - Tenho pouca esperança Rosa, quando a desgraça entra numa casa já de lá custa a sair!

ROSA - Isso é verdade ti Francisco, mas temos que nos conformar!

FRANCISCO - Infelizmente assim é, temos que sofrer morrer e calar!

ROSA - Pronto ti Francisco, vou andando que a minha mãe já há-de estar em cuidados!

FRANCISCO - Vai Rosa, não te demores por minha causa, mas vai aparecendo de vêz em quando pois só tu e o Padre Camilo podem quebrar a monotonia em que agora passo a viver!

ROSA - Terei muito prazer em vir vê-lo de vez em quando: Até amanhã ti Francisco!

FRANCISCO - Até amanhã Rosa, boa noite e obrigado! (Depois de Rosa sair) Obrigado... É isto que me reserva a vida daqui para a frente! Ainda há um ano eu pensava que não precisava de ninguém e hoje preciso de toda a gente! Que grandes lições Deus dá à humanidade! Mas o que é que eu estou para aqui a pensar? O melhor é beber qualquer coisa para esquecer! (Bebe duma garrafa e depois faz uma pausa: ao longe soam as vozes dos rapazes que foram à inspecção o cantorico aproxima-se e cheio de saudades diz) O que é aquilo? À! São os rapazes das sortes! Noutros tempos aquela paródia alegrava-nos, fazia-nos recordar a nossa mocidade! E agora? Faz-me lembrar que ainda há três anos o meu filho andava também cheio de alegria e por causa daquela odiada guerra já não pertence a este mundo! E somos nós dum país que se diz Cristão! Onde está a Cristandade dos governantes deste país? É a matar inocentes que se pratica essa religião? (E assomando-se á porta grita completamente fora de si) Ó mocidade louca! Que alegria é essa? Vocês não vêm os exemplos que tem havido na nossa terra? (E noutro tom mais baixo) Coitados ainda pensam que vão defender a integridade da Pátria... Como se a Pátria fossem só de meia dúzia de tubarões! (Novamente irritado) Quero lá saber que a pide oiça os meus gritos? Já pouco te-

nho a perder!

(Batem à porta)

FRANCISCO - Quem é?

J. MANUEL - Faça favor ti Francisco!

FRANCISCO - Querem ver que é alguém da pide? ã! Mas não me apanha desprevenido! Espera aí que eu já te digo! (Vai buscar uma arma. Entretanto antes de abrir a porta tenta saber quem é e espreita) Afinal desta vêz ainda não serve é um soldado que está ali. (Depois de abrir a porta repara que é o João Manuel o maior amigo do Joaquim) João Manuel! És tu? Entra rapaz dá cá um abraço! Não trazes o meu Joaquim, João Manuel?!

J. MANUEL - Fiz tudo o que estava ao meu alcance, ti Francisco para o salvar! O Joaquim era o meu maior amigo; fui três vezes ao hospital dar-lhe sangue. Ainda tive esperança que ele se salvasse! Um dia pediu-me para lhe levar uma carta que a muito custo ele conseguiu escrever, passados dois dias, voltei ao hospital, e então fiquei desiludido! Foi então que ele me pediu por estas palavras: João dentro da minha mala está um fio com a imagem de Nossa Senhora das Dores, foi minha mãe que me deu quando eu vim para Moçambique, para que ela me protegesse: Se acontecer o pior, peço-te o favor que quando regressares à Metrópole, a entregues a meu pai, leva também esta carta que eu escrevi ontem: são duas coisas muito importantes! Deve ser o último favor que eu te peço, João!

FRANCISCO - Ele sofreu muito João!?

J. MANUEL - Foi horrível, ti Francisco! O Joaquim não merecia aquela sorte!
(Francisco nervosamente abre a mala e retira a medalha e levantando-a exclama)

FRANCISCO - Por aqui se vê a grandiosidade de carácter do meu pobre filho! Nossa Senhora das Dores não o guardou, mas ele fez todos os possíveis para que esta medalha não se perdesse! Aqui está a carta! Lê-a João que eu já não tenho coragem para tanto!

J. MANUEL - Dê cá, ti Francisco! (Lê algumas frases) Meu querido e adorado pai no dia em que receber esta carta é bem possível que eu já esteja a fazer companhia á minha santa mãe, sei que é duro de mais um pai ler estas palavras mas é a realidade...

FRANCISCO - (Interrompe desesperado) Cala-te João! Eu não posso mais! Meu pobre filho!

J. MANUEL - Ó ti Francisco eu também perdi o meu maior amigo!

FRANCISCO - (Abraça João) E eu perdi o meu filho!